

LUANA E ROSA
Rinaldo de Fernandes

“– Explicação? Nenhuma. Nem a mínima explicação. O que você quer que se saiba disso?”

Horacio Quiroga, “A meningite e sua sombra”.

1

Um mar enjoativo entra em tua vida, ejeta gaivotas que defecam em tuas pestanas, e então? Da água que de repente te cresce, adivinhando a cadáver, a flores de sepultura barata, a restos de rês rasgados na rodovia por cadelas paridas, o que dizes?

Luana, ao chegar à mesa do Café Pessoa, vizinho à quitinete de Augusto, estendeu a mão para o rapaz:

– Oi.

Augusto se curvou sobre a mesa, apertou a mão da mulher do desembargador:

– Como vai?

Luana disse que estava vindo do centro. Acordara cedo, já andara bastante. Enfiara-se em ruas e mais ruas resolvendo assuntos da família:

– Um terror, o trânsito do centro! – e caiu sobre a toalha uma gota do seu aborrecimento.

Pegou o cardápio:

– Estou com muita fome. Vai alguma coisa, Augusto?

– Não, obrigado.

Luana pediu um pedaço de torta de palmito, que, logo que foi depositado à sua frente, ela passou a devorar, o nariz quase triscando no prato.

– Eu quase não vinha – disse Augusto, afastando um pouco o portaguardanapo.

– O que foi?

– Uma prova.

– Sim.

Augusto, por um instante, achou que na torta havia uma larva grudada. Ainda avançou a mão para avisar, mas Luana já havia engolido quase todo o pedaço. Luana, na verdade, como que sugava o alimento, expelindo um fio de baba pelo canto da boca.

– Eu também havia marcado com umas amigas. Mas estou impedida.

Luana, que tinha sido colega de um irmão de Augusto (Augusto mal a conhecia, vira-a uma única vez) no curso de Arquitetura (ela não chegou a concluir o curso), disse que sua filha estava passando por dificuldades, sérias dificuldades. Que vinha vomitando e delirando esses últimos dias e que terminou internada.

– Sei. Qual é a de suas filhas?

– A Rosa. Eu só tenho ela.

– Ah, me desculpe.

A filha de Luana escorregara numa fruta, quando limpava o quintal, para armar ali uma churrasqueira para os amigos da faculdade, e bateu com a cabeça no muro. E depois não divisou bem as coisas, a visão se enturvando, e chegou a vomitar um pouco. Foi verificada pelo médico da família, que assinou uns exames, pediu certa urgência – e Rosa foi mandada de volta para casa. Mas, na sequência, junto com o internamento, vieram mais vômitos e, o mais intrigante, os delírios. A medicação não estava surtindo efeito. Luana e o marido já não descartavam a possibilidade de levar a filha para se tratar fora do país.

– Rosa naquele estado, com aquela febre, e os diagnósticos imprecisos. Que medicina, a nossa!

Luana alcançou um guardanapo, limpou o fio de baba que escorrera até o queixo.

– E Rosa só fala em você, Augusto.

– Em mim?

– Em você. Como se já se conhecessem de longas datas.

– Mas eu nunca estive com ela. Como é isso?

– Ela inventou um Augusto para ela. Inventou que ele vai chegar.

– ...

– Às vezes vomita muito forte pedindo a presença dele.

– Ah.

– Teu irmão, o Brízio, é um bom amigo. Me disse que você poderia me ajudar nesse caso.

– Mas de que jeito?

– Com teu documento de identidade. Rosa quer ver carimbado nele: Augusto. Faz parte do delírio.

2

Luana conduziu Augusto até o carro e o levou ao hospital. Apresentou-o à Rosa, que acabara de vomitar e limpava com um guardanapo a lama amarelada (foi o que ocorreu a Augusto – lama amarelada) que lhe pingava dos lábios. Rosa tinha comido um peixe cozido e, controlada a ânsia do vômito, agora estalava a língua:

– Adoro pirão de peixe!

Rosa aí mirou nos olhos de Augusto, recuperou o refrão de um rock antigo, qual era?, o rapaz não se lembrava. Rosa afastou a mão, os dedos longos, largou o guardanapo todo ensopado no cesto. Liberou um pouco as costas do colchão. E voltou a vomitar:

– Merda! – disse Luana, apressando-se para remover do lençol os resíduos do vômito da filha.

Rosa, já limpa da lama do vômito, dirigiu para Augusto um olhar voraz:

– Você veio.

E começou a cantarolar Marisa Monte, *eu re-al-men-te não sei/ o que eu fiz pra me-re-cer*.

– Você aqui.

Rosa agora dizia da atração pelo rapaz, determinando que ele não se afastasse dela, tinham muito o que edificar. Prezo muito esse verbo, *e-di-fi-car*, viu? Augusto ia lhe dar o filho, sim, já acertado! Não combinamos o filho desde a viagem a Toronto, hum? Deposite logo ele aqui – Rosa, a cara de enjôo, apontava para a barriga. Augusto observou o quarto, a aparelhagem, quis recuar, mas a mão estava retida, Rosa a segurava como quem se fixa a uma touceira para não desabar nos rochedos.

– Tu és o Augusto mesmo? Cadê o documento?

Augusto deu uma piscadela para Luana, que assentiu com a cabeça. E Augusto esticou a identidade para Rosa.

– Ah, tá aqui, Augusto César Brízio. É você mesmo, meu belo... Desculpe, eu estava comendo peixe.

Augusto pegou de volta o documento.

– Eu sempre como peixe – Rosa disse, voltando as costas para o colchão. E, pendendo a cabeça de lado, levou a mão à boca, voltou a vomitar. A lama amarelada gotejando-lhe dos dedos.

– Merda!

Quando saíram do quarto, Augusto, o rosto retesado, olhou firme nos olhos de Luana:

– Eu nunca tinha vivido uma situação dessas. Eu nunca tinha visto sua filha.

– Ela não é isso... Entenda.

Augusto segurou na mão de Luana. Mão agora irresoluta de uma mãe que, não foi difícil intuir, estava sofrendo.

Ali, no calor, alguns bagos de suor esverdeados escaparam das axilas de Luana.

3

Dia seguinte Luana foi buscar Augusto na quitinete para reconduzi-lo ao leito de Rosa. A caminho do hospital, verificando as costas das mãos com pintas e as unhas descuidadas de Luana (mas não é a mulher de um desembargador?, se perguntou), Augusto tentou recuperar na memória como eram as mãos de Rosa. Não conseguiu – apareciam apenas uns dedos lubrificadas, como se fossem grandes lombrigas.

No hospital, a primeira coisa que Augusto inspecionou foram as mãos de Rosa. Não havia nelas lombrigas lubrificadas coisa nenhuma. Eram mãos com veias violetas e também com algumas pintas, parecidas com as mãos de Luana, só que as desta tinham uma gordura sobrando, um inchaço, na base do polegar.

Rosa, entontecida pelos olhos de Augusto, voltou a falar do filho, vai ser fofo como o pai, um menino sadio e sapeca que também se chamará Augusto. Meu primo falou que o filhinho dele já empurra e até espalma a bola de pano no piso do apartamento – futebol de sala, hein? Vamos equipar bem o quarto do nosso Augusto, vamos localizar uma ilha, uma dessas ilhas aqui mesmo na costa do Nordeste... sabia que há ilha boa de aterrissar? Vamos, meu encanto, comer pirão de peixe... Augusto engoliu grosso – pirão de peixe!

Rosa agora se dobrava de lado, se aproximava do rosto de Augusto, dizendo, não escape de mim, meu atleta. Você é igual um atleta, sabia? É tênis?, golfe?, beisebol?, o que praticas, hum? Iremos para uma ilha e nela dispostemos de muito peixe e de muito pirão para robustecer o nosso Augusto, oba!

Augusto olhava disfarçado para Luana. Já sentia vergonha de tudo aquilo. E porque evitava olhar direto nos olhos de Luana, afundou as mãos nos bolsos. Então se fixou nos olhos de Rosa, os olhos incisivos da jovem de cabelos despenteados. Olhos que, com a palidez de Rosa, se destacavam ainda mais, embasbacando-o, engolindo-o como quem pede a boa sorte de um mar repleto de robalos. Que moça linda! Augusto recuou a vista e, cabisbaixo, agora observava as sandálias de Luana. Sandálias que, as fivelas enormes e foscas, pareciam caranguejos emborcados.

Luana, à saída do hospital, recomendou a Augusto que tivesse calma, só mais uma ou duas vezes ele voltaria ali, e ela o recompensaria bem. Luana, a voz embargada, disse ter pena da filha se dirigindo o tempo todo a Augusto, ao casamento com Augusto, à ilha com Augusto, ao pirão de peixe com Augusto.

– Uma bosta, isso! – concluiu Luana.

Augusto então observou o decote de Luana e tentou se lembrar se era igual ao de Rosa. Ficava deveras constrangido diante de Rosa, evitava encará-la ao máximo, e, por isso, procurava na mãe os sinais da filha. Queria ver a filha na mãe. O decote de Luana guardava dois gordos roedores brancos que entremostravam apenas os pelos da cauda. Rosa também tinha gordos roedores brancos?

Quando foi, começo de tarde, a terceira vez ao hospital para estar com Rosa, Augusto viu, momentaneamente..., quando Rosa se agarrou a ele, dizendo, o nosso filho terá o teu nariz, ah, é um morango perfumado esse teu nariz! O quanto de pirão de peixe não iremos ingerir na ilha, hum? Minha tia Carla, que eu estimo muito, faz um pirão formidável... Quando iremos para nos casar? Me avisa... Meu bem, uma ilha se acha, anda, tá frio aqui, me cobre, uma ilha nos abrigará... Augusto: caralho de peixe!

Pois nessa terceira vez Augusto – que roliças! que exatas! – viu, momentaneamente, as coxas de Rosa. Mas queria ver mais, queria o inarrável das coxas da jovem. Porém aí, bem próxima do rosto de Augusto, e com o esforço que fizera para se deslocar, Rosa arrotou. Um arrote pútrido, um arrote que se grudou às sobrelhas de Augusto. Ui, podridão de peixe!

Quando, já pro final da tarde, deixavam o hospital, Augusto procurou examinar as coxas de Luana. Bem composto no banco do passageiro, certificou-se, enquanto Luana contornava o canteiro do estacionamento e acessava uma avenida muito movimentada, de que eram coxas fornidas, sim, mas numa delas havia um furúnculo que estava vomitando. Era aquilo mesmo que descortinava, um furúnculo cujo fio de vômito escapava pela perna e se infiltrava na sandália de Luana?

Luana, verificando a extensão do engarrafamento, se exasperou:

– Trânsito dos diabos! Todo mundo hoje tem carro nessa caceta!

Quando Luana se virava para disparar um palavrão para o motorista de trás, que buzina insistente, tentando a todo custo ultrapassá-la, Augusto, sem mais cogitar do fio de vômito, desvestia-a com os olhos. Como as coxas de Luana lembravam as de Rosa! As coxas das duas – e de repente Augusto se recordou de que já fora um leitor de poemas (lia-os não raro no Café Pessoa) – eram toros que vieram bater à praia, brancos de lua.

Augusto, ali no carro de Luana, queria se lembrar do busto e do ventre de Rosa – mas o que lhe ocorria agora era aquele arrote que lhe explodiu no rosto, a podridão terrível do arrote de cão de feira. E passou a sentir que em meio aos palavrões de Luana para o motorista (que conseguiu afinal ultrapassá-la com uma

manobra rápida, atrevida, por pouco não lhe arrebatando o retrovisor) também irrompiam arrotos.

– Ô indivíduo intolerável! Ô país de embusteiros! Logo eu levo minha filha daqui!

5

Quando, dia seguinte, Luana o conduzia uma quarta e última vez ao hospital, era de azedos que Augusto se encharcava. Augusto não sentia outra coisa – eram os azedos escorrendo dos braços, infiltrando-se no decote de Luana. O decote da mulher do desembargador onde agora, já no quarto da paciente, Augusto divisava os focinhos dos dois gordos roedores. Os gordos roedores brancos que também se achavam em Rosa. Rosa que, de repente, após mencionar novamente o filho e o casamento, e no momento em que retinha entre as mãos o rosto de Augusto, voltou a arrotar. Augusto, ali, a porta do quarto fechada, foi ficando sem fôlego, um tanto devastado com os azedos de Luana e com o arrote de Rosa.

Quando Augusto deixou o hospital, já era noite. Depois de depositar na máquina a camisa e a calça que usara, tomou um bom banho e se enfiou em seu quarto. Hirto na poltrona, perto da meia-noite, o livro foi lhe pendendo das mãos – um odor insuportável saía de dentro da sapateira. Huum, o que ocorria? Os pés de que cadáver tinham usado os seus tênis? De repente, Luana e Rosa se acercaram de Augusto e o empurraram com poltrona e tudo contra o piso. Luana, as grandes bolas dos joelhos prensando-lhe o peito, continha o impulso de Augusto de se levantar. Rosa, o pé com uma unha estufada, bolha prestes a romper, tentava achatar o nariz dele contra o braço da poltrona. Luana e Rosa agora jantavam com Augusto um peixe, a mesa com guardanapos bem dobrados – um peixe que mais lembrava um sapo destripado pelo pneu de um caminhão. Luana e Rosa enfiadas no delírio encarniçado do rapaz.

Ainda nessa noite, Augusto, em grandes enchentes, seguido por cardumes lubrificadas, experimentou descer em córregos com tripas. Também nadou em piscinas com miolos de bois abatidos no matadouro municipal.

Já amanhecendo, julgou que, em algum momento da madrugada, e após ter acordado bebendo as próprias fezes, ligara para Luana, lhe pedindo o dinheiro.

– Não posso. Estou no aeroporto, embarcando com Rosa para o Canadá.

Julgou também que, não tendo sido acudido por Luana, reunira suas poucas reservas e seguira para ser medicado numa clínica desaguando, envolto em meladeiras que, segundo uma das enfermeiras de plantão, e que foi logo, sem disfarces, cuspir na pia, jamais tinham chegado ali com paciente algum.

Fevereiro/2017